

### Nós vai...

Através do Programa Nacional do Livro Didático o Ministério da Educação distribuiu mais de 135 milhões de livros didáticos para o ensino fundamental, médio, educação de jovens e adultos e alfabetização. É um programa democrático na sua execução; os títulos são pré-selecionados e passam a integrar o Guia do Livro Didático. Com base nesse guia, os próprios professores fazem a escolha dos títulos mais adequados ao projeto pedagógico de suas escolas, com resultados que se espera positivos na qualidade e eficiência do ensino. Dessa forma, com mais participação na construção do conhecimento o Brasil renova a cada ano o importante papel do professor e do livro didático e a grande responsabilidade do primeiro nesta escolha.

Porém é difícil de se acreditar que por descaso, por omissão, por ignorância quanto à língua ou por algum laivo ideológico torto, em nome da liberdade de se falar e de se fazer entender ou por outra razão qualquer, não se ensine o que é correto ou se aceite o que é errado.

O PNLD aprovou e incluiu o livro - Por uma Vida Melhor - na distribuição como material didático a alunos de escolas públicas que, onde se apregoa que não existe o certo ou errado no uso da língua portuguesa. Que o modo correto de falar e escrever é apenas mais uma forma de expressar-se. Claro que existem várias maneiras de se comunicar, mas o que nos chama a atenção é que o problema não está na eficiência da comunicação entre pessoas igualmente incultas, mas sim na não inclusão desses cidadãos em um universo linguístico que lhes possibilite o pensar e o seu acesso profissional. Na realidade se torna uma fraude intelectual baseada na concepção ideológica segundo a qual só o povo é detentor do conhecimento. O lado perverso desse desvario é que desta forma se justifica o não fornecimento, às pessoas que mais precisam deles do conhecimento necessário ao seu desenvolvimento sócio-cultural.

Em um país que abriga 14 milhões de analfabetos e cuja economia tem 1 milhão de vagas nas empresas que não são preenchidas porque os candidatos não apresentam qualificações para ocupá-las e que aparece na 53 posição entre os 65 avaliados pelo Pisa, o mais rigoroso teste comparativo internacional de desempenho escolar. O prejuízo causado em alunos já tão pouco predispostos ao estudo da gramática e atolados em um sistema educacional que ao final do ensino básico, produz 62% de jovens que mal sabem ler e 89% que não sabem fazer as operações aritméticas básicas, é incalculável.

Ao contrário do que pensam ideólogos da educação como Heloisa Ramos, a educação formal é libertadora. Que o diga a americana Ursula Burns, de 52 anos. Negra, filha de faxineira, ela se tornou presidente da Xerox, gigante mundial da documentação digital e uma das 500 maiores empresas do planeta. "Minha mãe exigia apenas que os filhos tivessem bom desempenho na escola", diz Ursula. Um contraste melancólico com o caso brasileiro.

Marcos Magno, professor da Universidade de Brasília, é o grande madraçal desta estupidez. Ele criou o termo "preconceito linguístico" em um livro do mesmo nome em 1990.

Continuação

Segundo o historiador Marco Antonio Villa, o motor ideológico dos obscurantistas se move em torno da visão que a língua culta é um instrumento de dominação das elites, sendo que seu discurso valoriza a ignorância e se alguém admoestar é por "preconceito linguístico". Esses desvarios são o retrato de uma situação política comandada por uma ortodoxia cada vez mais ousada em sua destruição impune de todo bem cultural que não se encaixa na sua estreita visão de mundo. O linguística Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, diz que "a ideia de que a língua culta é um instrumento de dominação da elite é um absurdo que não se vê em nenhuma outra nação.

Um sem número de estudiosos e entidades como a Academia Brasileira de Letras começam a se manifestar contra o mesmo e contra a ideia que o fundamenta. O absurdo de uma das ideias seria a de não submeter os alunos menos informados, isto é, os que devem aprender, como todos nós, a nenhum "preconceito" porque falam e escrevem errado. Fecham-se as escolas, não se ensina nada a ninguém ou ele se sentirá humilhado em vez de estimulado a melhorar e estaríamos sendo acusados de "bulling". Portanto, nada de ensinar nada a ninguém e, se devemos permanecer como somos, o que se conclui é que a escola será supérflua.

Querer que ela nivele por baixo, ignorando que existe uma língua-padrão, que todos temos o direito de conhecer, como se o menos informado fosse incapaz, é mais uma vez discriminar quem não pôde desenvolver plenamente suas capacidades. É, esta sim, é uma postura preconceituosa: os menos privilegiados que fiquem como estão. Com o tempo isso tornará a escola dispensável, pois se ela não deve colocar à nossa disposição o melhor conhecimento em todos os campos, como direito de todos, poderá simplesmente ser fechada sem que ninguém perceba,

É espantoso que as crianças brasileiras estejam sendo expostas a esse tipo de lixo acadêmico travestido de vanguarda cultural, quando deveriam estar aprendendo, acumulando o conhecimento e as habilidades que as tornarão capazes de enfrentar com sucesso os desafios do mundo real. O mercado se ressentido da falta de gente qualificada e enquanto isso nas escolas públicas, as crianças brasileiras carentes de "aprender a pescar", são ensinadas que é certo falar "nós pega o peixe",

Talvez a adoção desse livro e dessa teoria pelo MEC nem tenha sido percebida na montanha de trabalhos que ali se empilham. Imagino que, dando-se conta do havido, as autoridades tomem as providências urgentes que saltam aos olhos de qualquer pessoa minimamente racional e nos livrem de mais esse pesadelo para quem ainda acredita em educação. Ou, coroada a ignorância, as futuras gerações, livres da escola e do dever de crescer, escreverão e falarão sempre achando naturais e boas coisas e realmente ai me sinto no direito de perguntar para onde "nós vai...".

Professor Cresus Vinicius Depes de Gouvêa  
Diretor da Faculdade de Odontologia da UFF